

OS AGLOMERADOS DE MICRO E PEQUENAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES DO AGRESTE/PE: UM ESPAÇO CONSTRUÍDO NA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

Sonia Maria de Lira¹

Resumo

O presente trabalho se propõe a analisar como vem ocorrendo o desenvolvimento dos aglomerados de micro e pequenas indústrias de confecções do Agreste/PE, a partir das relações sócio-espaciais. Os aglomerados surgiram como alternativa de sobrevivência da população agrestina, por causa, principalmente, da crise agrícola da cotonicultura e das dificuldades de produzir outros produtos, já que a região possui faixas muito secas, sendo inapropriadas para o plantio, pois fazem parte do semi-árido nordestino. Esta atividade deu origem à *sulanca*, corruptela das palavras: *sul* e *helanca*, designando produtos de vestiário confeccionados com malhas vindas do sul do país. Estes artigos populares passaram a ser vendidos nas feiras locais e depois atingiu mercados de todo o país, movimentando em torno de dois bilhões ao ano, na região. Atualmente, gera emprego e renda para milhares de famílias. No entanto, possui alguns dos piores índices educacionais do Estado de Pernambuco e vem provocando problemas ambientais gravíssimos, por causa das lavanderias. As relações de trabalho também tem sido precarizadas, por conta da informalidade e da produção flexível. Por isso, faremos uma análise sobre estas relações sócio-espaciais, enfatizando a necessidade de políticas públicas planejadas, no intuito de garantir melhoria na qualidade de vida destes habitantes.

Palavras-chaves: arranjos produtivos locais, indústria de confecção, agreste de Pernambuco

¹ Doutoranda em Geografia – UFPE.

Abstract

The following work aims at analyzing the current development of small confection industry clusters in the Agreste region of Pernambuco State, northeastern Brazil, focusing on socio-spatial relationships. The industrial clusters have arisen as an economic alternative to the population of the Agreste region, mainly as a response to the crisis in the cotton agriculture, and the hardships to produce other cultures since the region is prone to severe droughts as most of the inland areas of northeastern Brazil. The emergence of the confection activity in the Agreste region originated the word “Sulanca”, a combination of the words “sul” (south) and “helanca” (type of polyester cloth), which now designates the confection activity in the area. Initially, confection from the area was sold in the local markets but later they conquered other markets in the whole country, generating a net income exceeding 2 billion reais a year within the region. Presently the activity generates jobs for thousands of families. However, the region ranks among the lowest educational levels in the State, which favors the occurrence of severe environmental problems in the area, such as those generated by the laundries associated to the confection industries. Work relationships are also fragile, as a consequence of informal jobs and flexible production. Therefore, an analysis of the socio-spatial relationships will be provided, emphasizing the need for planned public policies, aimed at providing an improvement in the living standards of local inhabitants.

Keywords: local industrial clusters, confection industry, State of Pernambuco

I - Introdução

O presente estudo se propõe a analisar como os aglomerados de micro e pequenas indústrias de confecções do Agreste pernambucano vêm se desenvolvendo, a partir das relações sócio-espaciais. Partiremos, então, do pressuposto de que esta realidade possui características locais bem específicas, sendo o espaço e a sociedade categorias fundamentais para esta análise.

Neste contexto histórico a produção atribui um novo conteúdo e uma nova função aos lugares. E é a partir da divisão do trabalho, social e territorial, que analisaremos esta realidade sócio-espacial.

Os aglomerados de micro e pequenas indústrias do Agreste pernambucano surgiram como alternativa de trabalho para a população agrestina. Foi necessário encontrar novas formas de sobrevivência para esta população, pois havia condições precárias para a agricultura.

Iniciada através do artesanato, com o trabalho em retalhos, que surgiu espontaneamente, transformou-se em manufaturas e hoje em produção industrial. Possui, atualmente, em torno de 12 mil unidades fabris que se espalham pelas áreas rurais e urbanas.

A produção flexível favorece uma nova organização da divisão do trabalho, possibilitando que os vários setores do processo produtivo ocorram em locais diferenciados. Encontramos, então, trabalhadores que moram no campo e se deslocam para os “fabricos” nas cidades. Como também, costureiras que no trabalho domiciliar, no campo ou na cidade, costuram as peças, e devolvem aos “fabricos”, que podem estar em ambos locais

Sendo assim, são as relações capitalistas que contribuem para esta complementaridade. E na atualidade, com o processo de flexibilização da economia, estas relações vão se constituir em novas contradições. Vemos, então, que esta integração é marcada por uma precarização muito forte das relações de trabalho, porque a maioria dos empreendimentos encontra-se na informalidade. A exploração dos trabalhadores, baseada na ausência de regras formais é muito ampliada e há um pregresso nas condições de vida da maioria da população. Por isso, este será um dos aspectos que me deterei no decorrer deste breve ensaio.

II – Caracterização sócio-econômica da área

Os aglomerados de micro e pequenas indústrias se desenvolveram na Mesorregião do Agreste Pernambucano, área de transição entre a Mata úmida e o Sertão semi-árido, possuindo três municípios que se destacam na atividade produtiva da confecção. Entre eles: Caruaru, situado na Microrregião do Vale do Ipojuca, a 136 km da capital do Estado, às margens da BR-232, e os municípios

de Santa Cruz do Capibaribe, que dista 180 km da capital e Toritama, a 167 km, situados na Microrregião do Alto Capibaribe.

O Agreste conhecido também como o “celeiro” pernambucano, teve, durante muito tempo, função abastecedora de alimentos para a capital e a região metropolitana do Estado, porque abrange uma área “onde coexistem, com elevadas densidades, as atividades de uma lavoura diversificada e de uma pecuária predominantemente leiteira...” (MELO, 1980:173). Por isso, tem uma importância fundamental no sistema geo-sócio-econômico pernambucano.

A sub-região abrange áreas de brejos onde a agricultura é favorável, porém também possui faixas muito secas, sendo estas inapropriadas para o plantio. Sendo assim, muitas destas populações serviram, no passado, de força de trabalho, migração sazonal, para as áreas da monocultura canavieira.

Toritama, Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru localizam-se nas faixas mais secas. Embora o último município citado possua em seu território dois brejos: Terra Vermelha e Brejo dos Cavalos, a sua maior área é predominantemente seca. Conforme Melo:

Na porção oriental da zona, passa-se do bolsão subúmido da região de Bonito para um segmento da estreita bacia do Ipojuca, onde a pluviosidade declina até menos de 500 mm em Gravatá, até menos de 600 mm em Caruaru e até menos de 500 mm em São Caetano, o que faz daquele vale tectônico um como eixo de terras secas do Agreste. [...] Os declínios de totais pluviométricos interrompem-se bem antes da fronteira setentrional da sub-região, o que ocorre sobretudo porque aparece ali uma faixa que, em vez de depressa, constitui divisor entre a bacia do Capibaribe e a do Paraíba do Norte. Todavia, ao longo dessa faixa, em contraste com as manchas de brejo de Poção e de Taquaritinga, situa-se uma área ampla de semi-aridez acentuada, representando uma projeção da zona do Cariri paraibano no Agreste de Pernambuco. [...] Fazem parte desse Cariri pernambucano os municípios de Jataúba e Santa Cruz do Capibaribe bem como amplas porções dos municípios de Brejo da Madre de Deus, Taquaritinga do Norte e Toritama. (MELO, 1980: 182)

Além dos baixos índices de pluviosidade, esta ocorre em poucos dias do ano, concentrando em algumas áreas por apenas três meses. Destarte, os reservatórios não são suficientes e têm-se muitos problemas com os recursos

hídricos. Com a construção das Barragens do Prata e de Jucazinho, nos últimos anos, esta realidade é amenizada, mas, mesmo assim, os municípios passam por profundos racionamentos.

A produção do algodão no Agreste que durante um longo período contribuiu para uma melhoria das condições financeiras da população, também entrou em declínio, pois dependia do mercado internacional, conforme Silva, 1994. Este fato representou uma grave crise para o processo sócio-econômico da região.

Santa Cruz do Capibaribe foi o pioneiro na produção de “Sulanca” da região, tentando encontrar uma solução para a crise agrícola. Sulanca é uma corruptela das palavras sul e helanca, pois identificava os tecidos de helanca vindos do sul do país.

Iniciando-se no final da década de 40 e início de 50, tinha uma produção artesanal.

Estudos apontam o surgimento do ramo da confecção devido a ação de três comerciantes locais (Manoel Caboclo, Pedro Diniz e Dedé Moraes), que no final da década dos anos 50 iam a Recife vender galinhas, queijo e carvão vegetal, de volta trazendo retalhos de tecido, com as quais eram confeccionadas roupas para uso doméstico, outros pesquisadores discordam, dizem que já existia na feira a venda de retalhos de tecidos, eles apenas incentivaram e aumentaram a oferta do produto. [...] chegando a Santa Cruz, esse retalho era vendido a preços baixos, uma vez que era obtido a custo zero. Com o passar do tempo algumas fábricas da capital começaram a cobrar o que antes era disponibilizado gratuitamente. A demanda de compradores de retalhos [...] fez com que os comerciantes partissem para São Paulo em busca da matéria-prima, mesmo a maiores custos. (NASCIMENTO, 2004:05)

Inicialmente estes retalhos eram utilizados para confecção de colchas e tapetes. No decorrer passou-se a confeccionar roupas para crianças ou roupas rústicas para o trabalho no campo. A sulanca ficou conhecida, então, como feira que possui produtos simples, de qualidade inferior e preços acessíveis a camadas da população de baixa renda. Atualmente, existem empresas que confeccionam com melhor qualidade, atestada com etiqueta de qualidade da Associação Brasileira do Vestuário (ABRAVEST).

Toritama, que, como Santa Cruz do Capibaribe, buscou outras atividades econômicas, como alternativa a cotonicultura, tornou-se produtor de calçados a partir da década de 30 e ganhou importância na década de 60, por influência de Caruaru, que já possuía destaque na atividade calçadista.

Com uma produção bastante artesanal e destinada também a populações de baixa renda, decaiu na década de 80, por elevação de custos com a matéria-prima e concorrência com o sudeste. Novamente, para sair da crise, ingressou na produção de jeans, sob influência do outro município vizinho, Santa Cruz do Capibaribe, que já trabalhava com confecções.

A atividade é caracterizada pela informalidade, ocorrendo, predominantemente, em domicílios e com mão-de-obra familiar. Os “fabricos”, como assim são chamados, espalham-se por todo município e produzem 15% da produção do jeans nacional.

O êxodo rural, onde muitas famílias vendiam seus sítios e partiam para as cidades também gerou o capital para se iniciar, em alguns casos, a produção da sulanca. Por isso, encontramos em Toritama, na década de 1980, o retorno de parte deste capital ao campo.

Conforme Castilho:

... Alguns produtores de confecção e de calçado vêm investindo no campo, na aquisição de terras e na introdução de uma pecuária moderna. Tal fato pode ser entendido como um processo de “devolução ao campo” do capital anteriormente transferido da agricultura para a indústria. Isto porque a origem do capital de muitos fabricos existentes na cidade está no campo, uma vez que muitos produtores que ingressaram na indústria de Toritama foram agricultores que venderam seus sítios para investir na produção de calçados e de confecção. (CASTILHO, 1985: 279)

Verificamos, então, que o crescimento econômico com a confecção tornou possível a devolução de parte deste capital novamente ao campo. Isto confirma a origem agrária de muitos destes confeccionistas. Além disso, alguns agricultores preferiram manter-se no campo e participar da produção industrial, seja iniciando seus próprios fabricos, ou terceirizando serviços através das facções.

Caruaru passa a integrar este eixo, a partir da década de 1980. Anteriormente, já possuía empresas maiores que confeccionavam. No entanto, no estilo de produtos populares, para a sulanca, ocorreu mais recentemente.

Este município se diferencia dos anteriores, pois além de confecções possui outras atividades produtivas. Atualmente, funciona com 394 empresas formais, destacando-se na produção de:

... alimentos/bebidas e vestuário/têxteis, com, respectivamente, 27% e 46% dos estabelecimentos, enquanto os demais setores da indústria local contam com números relativamente mais reduzidos de unidades produtivas. [...] A indústria informal, segundo, estimativas, é constituída por cerca de oito mil unidades produtivas da SULANCA. (AGENDA PRÓ-CARUARU, 2002: 07/08)

Caruaru é privilegiado por sua localização geográfica, entre dois importantes eixos rodoviários, que se cruzam leste/oeste, pela BR 232 e norte/sul pela BR 104. Por isso polariza regionalmente, no setor de serviços, possuindo amplo comércio e articulados pólos: médico e educacional.

Além disso, é um centro de convergência da produção agro-pastoril regional, dando origem a sua famosa feira, que atrai turistas de todo país. Recebe os produtos de outras localidades e também da sua própria produção, porque possui áreas de brejos que são agricultáveis.

Outro destaque do município é o artesanato de barro desenvolvido no “Alto do Moura”, conhecido nacionalmente. Por isso, é considerado pela UNESCO (Organização Cultural, Científica e Educacional das Nações Unidas) como “o maior Centro de Artes Figurativas das Américas”.

A vocação turística de Caruaru se amplia para além da feira e do Alto do Moura, pois tem também outra atração cultural: o período junino que lhe garante o título de “capital do forró”. Para este evento foram construídos alguns equipamentos como: Pátio de Eventos, Vila do Forró, Museus do Barro e do Forró. E no mesmo local funciona o Museu da Caroá (antiga fábrica que existiu na cidade).

Verificamos então, que Caruaru, mesmo antes da Sulanca, já possuía um dinamismo que o consagrava enquanto pólo regional. No entanto, a Sulanca tornou-se tão importante no Agreste que esta atividade foi acrescentada ao seu espaço produtivo. Atualmente, existe uma predominância de fabricos nos seguintes bairros: Salgado, COHAB III, Boa Vista I e II, Maria Auxiliadora; como também em área rurais.

Conforme o SINDIVEST, citado em PERNAMBUCO, 2003: 43 há “uma movimentação no setor de R\$ 1,73 bilhões por ano, geração de 77 mil empregos diretos e indiretos e 12.000 empresas formais e informais”. No entanto o que prevalece é a informalidade com 90% deste percentual. A região do Agreste se consolida, então, com 73% da produção de confecções, de todo o Estado de Pernambuco, com 850 milhões de peças ao ano.

O eixo de municípios que engloba a sulanca abrange outros municípios do Agreste, além dos citados anteriormente. Isto acontece, principalmente, por ter uma divisão territorial do trabalho muito fragmentada e flexível. Nestas localidades encontramos unidades fabris, maiores, com elevada tecnologia, ao lado de pequenas unidades domésticas de transformação.

Entre estes municípios destacamos: Brejo da Madre de Deus, Jataúba, Taquaritinga do Norte, Vertentes, Riacho das Almas, São Caetano etc., incluindo áreas urbanas e rurais. Porém, a comercialização mantém-se predominantemente no eixo Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, através de suas feiras da “sulanca” e centros de compras.

Destarte, as feiras têm uma importância fundamental para o crescimento dos aglomerados de micro e pequenas indústrias, pois a maior parte da comercialização ocorre através destes mercados periódicos.

Conforme Machado:

As feiras livres sempre se constituíram numa forma espacial, produzida por relações de compra e venda entre pessoas de diferentes lugares e estiveram presentes desde o período medieval, onde eram famosas, dentre outras, as feiras portuguesas, promovendo relações entre cidades e o campo e entre cidades e regiões. (MACHADO, 2005: 19)

Sendo assim, Portugal nos deixou esta herança cultural por todo o país e no Nordeste as feiras são tradicionais em vários locais. Estes espaços de comércio contribuíram para a consolidação de uma integração regional fundamental em muitas áreas nordestinas

É a partir da análise de como estas feiras contribuíram para o dinamismo e para a integração da sub-região do Agreste pernambucano que continuaremos, a seguir, a refletir sobre esta realidade sócio espacial.

III – O eixo das feiras livres do Agreste/PE

As feiras livres são espaços de troca de mercadorias, que proporcionam aos comerciantes que delas participam uma organização do espaço e do tempo em suas atividades. Pois, por serem mercados periódicos garantem aos agentes envolvidos a possibilidade de participar de outras atividades, além da feira.

As feiras regionais oferecem uma variedade de bens e serviços, que lhes traz um grau de especialização, fruto da divisão social do trabalho. Num mesmo local podem ser encontradas diversas feiras, que podem ocorrer em dias diversos ou no mesmo dia.

As feiras são fenômenos presentes em todo Brasil. Segundo, Machado:

No Brasil, elas sempre estiveram presentes no grupo das atividades econômicas exercidas pelos centros urbanos ou rurais, se destacando em alguns contextos locais/regionais, assumindo papel de destaque ou não, de acordo o lugar onde estão inseridas. No Nordeste, as feiras livres são tradição, são famosas e em certos lugares exercem influência no desenvolvimento local e regional, pois, podem se apresentar como a principal atividade econômica do lugar. Também se comportam como vetor de atração de outras atividades agregadas ao considerar que em seu entorno se instala uma rede de serviços para atender a clientela da feira. (MACHADO, 2005: 16)

A feira de gado é considerada como uma das pioneiras no Nordeste, por conta da pecuária ter sido afastada para o sertão, para não prejudicar as lavouras situadas, predominantemente na Mata e Agreste. Caminhos de gado surgiram no percurso para o litoral, por causa de entrepostos comerciais que serviam para engorda do gado que emagrecia no trajeto.

O município de Caruaru surge, então, a partir do caminho do gado que vinha do sertão para a capital. Mas, além da feira de gado possui a sua famosa feira tradicional, como também a feira de artesanato e a da sulanca.

No entanto, a sulanca não possuía um destaque nesta feira. É a partir de então que também um dia específico é destinado a esta outra atividade. Mas, passa a ocorrer em dia que não seja coincidente com a de Santa Cruz do Capibaribe, ou seja, em dias alternados.

Esta articulação entre espaço/tempo vai trazer amplos benefícios para a produção da sulanca. Nesta organização da comercialização no eixo Caruaru/Toritama/Santa Cruz do Capibaribe passa a haver uma complementaridade entre os vários municípios que produzem estes artigos.

Isto é muito importante para os aglomerados de micro e pequenas indústrias do Agreste pernambucano, porque os feirantes, entre uma feira e outra, se ocupam da fabricação das confecções e isto elimina o papel do intermediário entre o processo produtivo e o de comercialização.

Numa região com vários problemas sociais este passa a ser um “oásis” no meio do semi-árido. O crescimento econômico é referenciado como símbolo do progresso e da riqueza, onde o desemprego é quase inexistente e as pessoas possuem renda, pelo menos para sobreviver.

A formação sócio espacial é transformada através de um processo migratório muito intenso, onde pessoas de todo o Nordeste e outras regiões do país procuram a região, seja em busca de empregos ou para comprar suas mercadorias. Estas migrações ocorrem também das áreas rurais dos municípios mais próximos para as áreas urbanas, promovendo altas taxas de urbanização, superiores à média nacional.

Tal contexto nos remete novamente a Machado:

... Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, que em décadas passadas eram basicamente agrícolas, com exceção de Caruaru, apresentar taxas de urbanização superiores a 90%, confirma a dinâmica de atividades urbanas em contrapartidas das atividades ligadas ao meio rural. [...] A média de crescimento anual, nos últimos 50 anos foi de 7,03% para Santa Cruz do Capibaribe, 5,00% para Toritama, ficando atrás de Caruaru com 3,32%. (MACHADO, 2005: 63)

O crescimento urbano vai estabelecer relações sociais entre, os “novos” visitantes ou moradores, e os “antigos” que modificam a lógica anteriormente existente. Esta realidade se tornará um híbrido do novo e o velho, com suas contradições.

E é a partir das contradições construídas, num sistema econômico capitalista, que partirei a analisar a seguir, porque existe uma melhora considerável de distribuição de renda na região. Mas, com problemas ambientais,

sociais e culturais que não garantem melhoria na qualidade de vida destas populações.

IV – Nem tudo são flores, também existem os espinhos

As mudanças que se processaram nesta região, na organização do processo produtivo, têm incidido sobre a reflexão e a produção acadêmica, buscando nas diversas áreas do conhecimento: economia, geografia, administração, desenvolvimento urbano etc. uma melhor interpretação da realidade.

No entanto, as relações sócio-espaciais ainda carecem de serem aprofundadas. Este tipo de estudo é necessário, pois há, de modo geral, um ufanismo que apresenta o crescimento econômico como sinônimo de desenvolvimento. Porém, têm se colocado apenas os aspectos quantitativos deste crescimento, sem se aprofundar nos aspectos qualitativos da realidade, a partir da construção do espaço.

Verificamos que o setor de confecção possui peculiaridades na sua produção que desde os primórdios facilita o processo de flexibilização. Marx já citava a camisaria dos Tillie, na Irlanda, que a partir da indústria em domicílios, utilizando-se de maquinarias nas residências dos trabalhadores ou em pequenas oficinas, se convertiam em seções externas das fábricas. Sendo assim, esta é uma prática antiga na produção de confecções e que é retomada no decorrer da história.

Desde a origem da Sulanca a produção flexível predomina no Agreste de Pernambuco. Por exemplo, em Santa Cruz do Capibaribe, era comum, confeccionistas da área urbana emprestar máquinas, a mulheres da área rural, para que estas participassem da produção de confecções.

Isto disseminou o trabalho domiciliar, tanto na área rural como urbana. Muitas costureiras costuram por produtividade e envolvem todos os membros da família para a complementação da renda. Muitas crianças e jovens passam a contribuir com as confecções e se afastam da escola, provocando baixos índices educacionais na região.

Em Santa Cruz do Capibaribe, o analfabetismo da população de 15 a 24 anos atinge o percentual de 15,4%. Mas, os chefes de domicílios com menos de

quatro anos de estudo atingem um índice elevadíssimo, 52,4%, um dos piores de Pernambuco.

Em Toritama, pelos indicadores sociais do Censo Demográfico de 2000, a situação ainda é pior, onde o analfabetismo da população de 15 a 24 anos atinge o percentual de 24,8%, ficando entre os 30 municípios mais carentes de Pernambuco. Quando comparados os chefes de domicílios com menos de quatro anos de estudo, no município, possui 63,0%, estando entre os piores índices do Estado.

Em entrevistas realizadas com famílias de confeccionistas, o depoimento de um rapaz de 13 anos, chamou-me atenção. O adolescente estava insatisfeito com a escola, pois no início de 2006, não o aceitou no turno noturno. Alegava que iria desistir dos estudos, porque não queria perder para o pai os seus clientes, conquistados, no mês de janeiro, nas férias. Para ele, que cursava a 6ª série, o mais importante era poder acompanhar o pai nas feiras e ganhar seu próprio dinheiro e por isso, mesmo a contragosto do pai desistiu da escola no decorrer do ano.

Esta é uma expectativa de vida que encontramos na maioria dos jovens. Muitos chegam inclusive a questionar os salários de seus professores. Alegam que os mesmos estudaram tanto e ganham salários inferiores ao que eles ganham, trabalhando na sulanca.

No entanto, identificamos que muitos destes trabalhos são temporários, sem nenhuma garantia trabalhista. As pessoas possuem jornadas intensas, sem descanso nos finais de semana ou férias remuneradas. Nos chamados “períodos bons” estão empregadas e na baixa produtividade, ou quando estão doentes, estão desempregadas.

Ao entrevistar, num domingo, um rapaz que pregava botões em um dos fabricos do centro da cidade de Caruaru, descobri que estava de folga. Ele trabalhava, normalmente, entre a quinta-feira e o domingo. Já que da segunda a quarta-feira seus patrões estariam comercializando os produtos.

O salário deste rapaz era de R\$ 20,00 (vinte reais) por dia. Por semana, ganhava R\$ 80,00 (oitenta reais). Então, questionei se naquele dia de folga ele também recebia o dinheiro e ele respondeu que não. Constatando que não possuía descanso remunerado.

As pessoas, que trabalham por produtividade, possuem jornadas intensas, chegando a 14 ou 15 horas, por dia. Como também, as mulheres que trabalham fora de casa, não possuem creches para deixar seus filhos, trazendo outros problemas sociais.

A saída das mulheres para as fábricas ocorreu, principalmente após a preocupação de muitas empresas de melhorar a qualidade de seus produtos. Houve um investimento maciço em tecnologia e uma centralização espacial das mesmas, por isso muitas mulheres precisaram se deslocar para as unidades fabris. Isto, não inviabilizou o trabalho domiciliar. Apenas diminuiu, em alguns setores da confecção de jeans, que exigia tecnologia mais sofisticada.

Constatamos, então, que esta nova forma de acumulação do capital e de exploração dos trabalhadores é viabilizada através do sistema de produção flexível. Esta forma de articulação e fragmentação do trabalho, na produção flexível, dificulta, ou quase impossibilita a organização dos trabalhadores, pois as entidades de classe, como os sindicatos, dependem da aglutinação de trabalhadores em fábricas para serem viáveis. Por isso, como cita Harvey:

Com efeito, uma das grandes vantagens do uso dessas formas antigas de processo de trabalho e de produção pequeno-capitalista é o solapamento da organização da classe trabalhadora e a transformação da base objetiva da luta de classes. Nelas, a consciência de classe já não deriva da clara relação de classe entre capital e trabalho, passando para um terreno muito mais confuso dos conflitos interfamiliares e das lutas pelo poder num sistema de parentescos ou semelhantes a um clã que contenha relações sociais hierarquicamente ordenadas. (HARVEY, 1998: 145/146)

Destarte, a empregabilidade garantida a maioria da população agrestina não é sinônimo de “bem-estar” social. Os problemas relatados anteriormente demonstram que a distribuição territorial e social do trabalho precariza as relações trabalhistas, seja na cidade ou no campo.

Além disso, outras questões são agravadas com o crescimento urbano acelerado. Em Toritama, existem muitos problemas de infra-estrutura, principalmente nas áreas habitacionais e de produção do lixo.

O município é o menor do Estado de Pernambuco, com apenas 111 Km² de extensão e já possui a metade deste território ocupado pela área urbana, por isso não há área disponível para a construção de um aterro sanitário. Seria

necessário um consórcio com outros municípios vizinhos para a resolução deste problema, porém as resoluções coletivas não são práticas muito comuns entre os municípios da região, tornando-se um desafio.

A questão habitacional também tem mostrado dificuldades, pois por ter um terreno muito pedregoso, com locais de difícil acesso, as residências são construídas em locais inadequados. Por conta disto famílias passam a não ter o atendimento de saneamento, instalação de água ou recolhimento do lixo. Em alguns casos a prefeitura acha mais barato construir casas em outros locais do que investir nas infra-estruturas destes espaços.

Toritama e Caruaru, por possuírem produção de confecção de *jeans* elevada, ainda trazem um outro problema muito grave, a questão ambiental. As lavanderias despejam nos rios Capibaribe e Ipojuca, respectivamente, os produtos químicos utilizados no tratamento do *jeans*.

Em Toritama, foi exigido pelo Ministério Público a construção de tanques específicos para este fim. Os confeccionistas de *jeans* se endividaram e construíram tais tanques, conforme tecnologia européia de reaproveitamento da água.

Foi feito um acordo bilateral entre empresários e poder público para a conclusão do tratamento e despejo das águas. O governo do Estado e Prefeitura deveria fazer os canais e estações de tratamento, para que a água contaminada não chegasse ao Rio Capibaribe. A parte dos empresários foi encaminhada a mais de um ano, mas a contrapartida dos entes públicos não foi executada.

Neste caso, o Estado, enquanto implementador de políticas públicas não cumpre o seu papel. Este é um problema sério, pois a falta do tratamento destas águas vai desembocar na Barragem de Jucazinho, reservatório que abastece a maioria dos municípios da região.

Também vemos pouca ação do Estado na exigência do respeito à legislação trabalhista. O uso constante de mão-de-obra infantil, falta de cuidados com a saúde dos trabalhadores, por causa de produtos tóxicos e outros desrespeitos às condições de trabalho, não são fiscalizados. Novamente o Estado não toma as providências no que é responsabilidade sua.

Outra política pública fundamental seria a questão da segurança. Os confeccionistas sofrem assaltos constantes, seja no deslocamento entre os

municípios, ou mesmo nas feiras. A área rural também vem sendo visada, nos últimos anos. Os domicílios estando isolados facilitam a ação dos delinquentes.

Percebemos, então, que as políticas públicas têm sido efetivadas precariamente, não havendo uma ação planejada, pelo Estado para o desenvolvimento regional. Mas, existem questões de respeito ao bem-estar social que não podem ser deixados ao encargo do mercado, conforme a lógica liberal.

Por isso, é fundamental que os entes públicos assumam suas responsabilidades e programem políticas públicas, de forma mais planejada, para a melhoria da qualidade de vida destas populações.

V – Considerações finais

Os aglomerados de micro e pequenas indústrias do Agreste Pernambucano foram sendo construídos como uma solução, principalmente aos problemas agrários da região. No entanto, vemos um crescimento populacional e urbano desordenado, que causa prejuízos à população.

Da mesma forma, esta urbanização é prejudicada pela informalidade que tem como consequência a falta de recursos para políticas urbanas e sociais, pois é exígua a arrecadação de recursos públicos.

E mesmo que sejam necessárias as políticas nas áreas de: educação, saúde, planejamento urbano, meio ambiente, segurança etc., para o verdadeiro desenvolvimento, com melhoria da qualidade de vida, isto só será possível com uma ação planejada envolvendo os vários entes federativos, a partir de uma política de desenvolvimento regional.

Sendo assim, estes problemas carecem de uma atuação estatal planejada. Pois, vemos em alguns momentos ações isoladas de órgãos como CPRH e IBAMA em defesa das questões ambientais, do Ministério do Trabalho nas questões trabalhistas, da Secretaria de Educação Municipal nas questões educacionais. No entanto, estes problemas são resolvidos paliativamente.

Destarte, só uma ação planejada e coletiva dos vários entes da federação, inclusive com a participação da sociedade civil, poderia contribuir para um desenvolvimento regional com melhoria da vida das pessoas.

Bibliografia

- CARDOSO, Ma. Francisca T. C. **Caruaru: a cidade e sua área de influência.** Revista Brasileira de Geografia. Outubro-dezembro/1965.
- CASTILHO, Cláudio. **Pequena indústria e produção do espaço em Toritama-PE.** Revista de Geografia-UFPE. Recife, 1985.
- FAISSOL, Speridião. **Urbanização e regionalização,** relações com o desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro: IBGE, 1975.
- FIEPE, **Agenda Pró-Caruaru.** Caruaru, 2002.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.
- MACHADO, Vilma Lobo. **A feira de confecções como fator de integração e dinamismo regional:** o eixo Caruaru/Toritama/Santa Cruz do Capibaribe-Pernambuco. Salvador, 2005.
- MELO, Mário Lacerda de. **Os Agrestes:** estudo dos espaços nordestinos do sistema gado-policultura de uso de recursos. Recife, SUDENE, 1980.
- MARX, Karl. "A maquinaria e a indústria moderna". In: **O Capital.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- NASCIMENTO, Abdias Lopes do. **Trabalho sobre a cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE.** Apresentado no 1º Curso de Gestores no APL-Moda. Caruaru, 2004.
- PERNAMBUCO, Governo do Estado de. **Governo nos municípios:** Plano Regional de Inclusão Social, Agreste Setentrional Estratégico. Recife, 2003.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil.** Livros técnicos e científicos. RJ/SP: Editora S.A./EDUSP, 1978.
- SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço:** técnica e tempo/ razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- SANTOS FILHO, Milton (Coord.) **O processo de urbanização no Oeste-Baiano.** Recife: SUDENE, 1989.
- SILVA, A. P. Geruza. **Do couro ao jeans:** evolução da economia informal do fabrico de roupas jeans em Toritama – PE. Monografia do Curso de Especialização em História do Brasil República. Campina Grande: UFPB, 1994.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

XAVIER, Gilca Pinto. **O empreendedorismo em cidades do interior de Pernambuco e as transformações no espaço**: o processo de urbanização e desenvolvimento local em Santa Cruz do Capibaribe. Recife: UFPE, 2005.